

## XLIX

## NA GLÓRIA DO NATAL

Senhor — rei divino projetado às sombras da manjedoura —, diante do teu berço de palha recordo-me de todos os conquistadores que te antecederam na Terra.

Em rápida digressão, vejo Sesóstris, em seu carro triunfal, pisando escravos e vencidos, em nome do Egito sábio, e Cambises, o rei dos persas, ocupando o vale do Nilo, antes poderoso e dominador.

Recordo as lutas sanguinolentas dos assírios, disputando a hegemonia do seu império dividido e infeliz.

Nabopolassar e Nabucodonosor reaparecem à minha frente, arrasando Nínive e atacando Jerusalém, cercados de súditos a se banquetearem sobre presas misérrimas para desaparecerem, depois, num sudário de cinza.

Não observo, contudo, apenas o gentio, na pilhagem e na discórdia, expandindo a própria ambição; o povo escolhido, apesar dos designios celestes que lhes fulguram na Lei, entrega-se, de quando em quando, à sementeira de miséria e ruína; revoluções e conflitos ceifam as doze tribos e o orgulho desvairado compele irmãos ao extermínio de irmãos.

Revejo os medas, açoitados pelos cimerianos e citas.

Dario surge, ao meu olhar assombrado, envolvido nos esplendores de Persépolis para mergulhar-se, em seguida, nos labirintos do túmulo.

Esparta e Atenas, entre códigos e espadas, se estraçalham mutuamente, no impulso de predomí-

nio; numerosos tiranos, dentro de seus muros, manobram o cetro da governança, fomentando a humilhação e o luto.

Alexandre, à maneira de privilegiado, passa esmagando cidades e multidões, deixando um cortejo de lágrimas, atrás da fanfarra guerreira que lhe abre caminho à morte, em plena mocidade.

E os romanos, Senhor? Desde as alucinações dos descendentes de Priamo ao último dos imperadores, deposto por Odoacro, jamais esconderam a vocação do poder, arrojando povos livres ao despenhadeiro da destruição...

Todos os conquistadores vieram e dominaram, surgindo na condição de pirilampos barulhentos, confundidos, à pressa, num turbilhão de desencanto e poeira, mas Tu, Soberano Senhor, te contentaste com o berço da estrebaria!

Ministros e sábios não te contemplaram, na hora primeira, mas humildes pastores se ajoelham, sorridentes, diante de Ti, buscando a luz de teus olhos angelicais...

Hinos de guerra não se fizeram ouvir à tua chegada libertadora; todavia, em sinal de reconhecimento, cânticos abençoados de louvor subiram ao Céu, dos corações singelos que te exaltavam a Estrela Gloriosa, a resplandecer nos constelados caminhos.

Os outros, Senhor, conquistaram à custa de punhal e veneno, perseguição e força, usando exércitos e prisões, assassinio e tortura, traição e vingança, aviltamento e escravidão, títulos fantasiosos e arcas de ouro...

Tu, entretanto, perdoando e amando, levantando e curando, modificaste a obra de todos os déspotas e legisladores que procediam do Egito e da Assíria, da Judeia e da Fenícia, da Grécia e de Roma, renovando o mundo inteiro.

Não mobilizaste soldados, mas ensinaste a um punhado de homens valorosos a luminosa ciência do sacrifício e do amor. Não argumentaste com os reis e com os filósofos; no entanto, conversaste fra-



ternalmente com algumas crianças e mulheres humildes, semeando a compreensão superior da vida no coração popular...

E por fim, Mestre, longe de escolheres um tro-  
no de púrpura a fim de administrares o Reino Di-  
vino de que te fizeste embaixador e ordenador,  
preferiste o sólio da cruz, de cujos braços duros e  
tristes ainda nos envias compassivo olhar, convidan-  
do-nos à caridade e à harmonia, ao entendimento  
e ao perdão...

Conquistador das almas e governador do mun-  
do, agora que os teus tutelados afiam as armas  
para novos duelos sangrentos, neste século de es-  
plendores e trevas, de renovação e morticínio, de  
esperanças e desilusões, ajuda-nos a dobrar a cerviz  
orgulhosa, diante do teu singelo berço de palha!...

Mestre da Verdade e do Bem, da Humildade  
e do Amor, permite que o astro sublime de teu  
Natal brilhe, ainda, na noite de nossas almas e es-  
tende-nos caridosas mãos para que nos livremos  
de velhas feridas, marchando ao teu encontro na  
verdadeira senda de redenção.

## L

## ANO NOVO

Quando o desvelado orientador chegou ao Pla-  
neta, encaminhando o aprendiz à experiência nova,  
o lar estava em festa, na celebração do Ano Novo.

Músicas alegres embalavam a casa, flores fes-  
tivas enfeitavam a mesa lauta. Riam-se os jovens  
e as crianças, enquanto os velhos bebiam vinhos de  
júbilo.

O devotado amigo abraçou o tutelado e falou:

— Nova existência, meu filho, é qual Ano Novo.  
Enche-se o coração das esperanças mais belas. Tro-  
ca-se o passado pelo presente. Rejubila-se a alma  
na oportunidade bendita. Promessas divinas flores-  
cem no coração.

O tempo é o tesouro infinito que o Criador  
concede às criaturas. Não esqueças, todavia, que a  
concessão de um tesouro é título de confiança e  
toda confiança traduz responsabilidade. Tanto pre-  
judica a obra de Deus o avarento que restringe a  
circulação dos valores, como o perdulário que os  
dissipa, olvidando obrigações sagradas.

O tempo, desse modo, é benfeitor carinhoso  
e credor imparcial simultaneamente. Na Terra, a  
maioria dos homens não chegou ainda a compre-  
endê-lo.

Os ignorantes perdem-no.

Os loucos matam-no.

Os maus envenenam-no.

Os indiferentes zombam dele.

Os vaidosos confundem-no.

Os velhacos enganam-no.

Os criminosos perturbam-no.